

NA BOCA

Marcus André Vieira

Referência:

Vieira, M. A. Na boca. *Latusa*, n. 18, Rio de Janeiro, EBP-Rio, p. 107-112, 2013.



[Clique aqui para ampliar](#)

"Início do tratamento" é como Freud denomina os primeiros tempos de uma análise.¹ A expressão se apoia no senso comum: algo começaria quando aparece, ali, onde não estava antes. A isso se associa a ideia de que um tratamento começa quando um médico o prescreve. Para Lacan, nada mais enganoso. Não apenas porque não há injeção ou prescrição para definir quando o tratamento começou, mas especialmente porque, no que diz respeito à experiência psicanalítica, como ela é do princípio ao fim uma experiência de fala, como os fatos com que lida são sempre narrados, eles são necessariamente uma retomada, já estão sempre em algum lugar.

Para buscar um terreno menos enganoso e não superpor ingenuamente o início de uma análise ao fato de que os encontros começaram Lacan, sabemos, escolheu a expressão "entrada em análise".² Mas quando entramos? Seguindo firme com a ideia de que na análise o que se conta sobre como fomos afetados vale tanto ou mais do que o acontecido, não é difícil perceber como os sentidos emprestados ao analista nos tocam antes mesmo de encontrá-lo pessoalmente.

Em muitos casos sabe-se pouco do analista antes de conhecê-lo, mesmo assim, quem o recomenda, seu nome ou um detalhe do endereço, uma ou outra indicação sempre precede o encontro, recobrando-o e antecipando-o com uma pequena rede de sentidos. No meu caso era grande a rede, pois já o conhecia antes de iniciar minha análise. Quando busco, porém, os momentos marcantes do encontro com meu analista descubro, como certamente todos nós podemos fazer, várias cenas que destacam seus efeitos sobre mim antes mesmo que eu batesse à sua porta. Os mais importantes não foram necessariamente momentos da pessoa pública se endereçando ao mundo, mas aqueles em que ela parecia ter se mostrado capaz de me dizer algo pessoalmente, mesmo quando eu apenas o ouvia em uma plateia.

São muitos. Ao tentar restringir e selecionar apenas aqueles em que ele me teria dado a impressão, não apenas de que se dirigia a mim, mas também de que seria capaz de me levar a dizer o que eu ainda não conseguia sobre mim, ainda assim, encontro muitos. Retenho alguns.

Algo se definiu quando ouvi dele, a partir de um caso: "esse não teria nunca como ser um analista". Essa certeza cortante sobre o que seria um analista, ou talvez, em geral, essa certeza, pura e simplesmente, me fazia dizer, ao sair da reunião, de que com aquele analista eu poderia fazer uma análise.

♦ Texto redigido para publicação na Revista *Latusa* n. 18 (*A entrada em análise*), Rio de Janeiro, EBP-Rio, 2013.

Posso, porém, facilmente encontrar ainda outros momentos, anteriores, por exemplo, na cena institucional. Nela, segundo minha leitura da época, uma briga intervém entre dois de três amigos e os separa. Em vez de se manter entre os dois ou tornar-se um sozinho, meu futuro analista escolhe decidida e publicamente alienar-se a um dos dois. Essa submissão serena e segura me tocava.

Outra, mais antiga: vou assistir pela primeira vez uma palestra dele. São dois falando. Enquanto o primeiro corresponde ao que eu esperava, um senhor simpático e austero, o primeiro é jovem, parecia um pouquinho *dandi* demais para corresponder à ideia que eu tinha dele a partir da leitura de seus textos. Era ele.

Cortante, submisso, decidido, *dandi*, jovem, quantos marcos desses devem se acumular para que se faça a certeza de que estamos definitivamente embarcados? O decisivo não é a quantidade, pois eles proliferam em rede antes e depois da primeira sessão, por isso Lacan fala em entrada. Algo mais deve acontecer, que envolve esses *S1s*, como dizemos, e uma certeza cega, não da fé, sem saber, mas a de um saber por vir. É ela que caracteriza a experiência analítica.

A própria metáfora da entrada tem seus limites. Apenas nossa ilusão egóica nos permite achar que existiria um lugar realmente "de fora", de onde se pesa e avalia para depois decidir agir ou não. Na porta, acreditando-se na dúvida, já se está dentro ou fora de alguma coisa. Torcer a maçaneta e atravessar a soleira da porta, essas coordenadas habituais para definir um começo valem pouco na experiência analítica. Freud define, então, o que Lacan, com seu grafo, formaliza: a regra geral do discurso exige que só se tenha certeza de alguma coisa *a posteriori*. Por isso deixamos alguém entrar e falar até que alguma coisa diga se ele está em análise ou não. Vamos andando até que algo se defina. É a proposta de Cazuzu para a relação amorosa: "vem comigo, no caminho te explico".³

Ao retomar este ponto em esquema na "Proposição..." Lacan nos ajuda a entender como isso acontece. Será quando um desses marcos aferrar-se a algo desconhecido, *Sq*. Sim, porque se eles se encontram com outras coisas sabidas sobre o analista, *S2*, não há mistério. Só conforto, sabedoria e não sujeito suposto saber.⁴

Buscando, então, a posteriori, o que ocorreu, lembro nas primeiras sessões que contei o que me trazia ali, que ele me aceitou e que acertamos um valor. Em um desses primeiros encontros, desço e como o primeiro de muitos futuros crepes embaixo de seu prédio. Havia já alguma coisa ali, *Sq*, agarrada àquela fome. Aquela rua, aquele crepe passaram a estar encantados por um amor especial.

Estava em análise? O pareamento *S1-Sq* é o bastante? Acho que não.

As flores, os quadros, algo no seu vestir, mas também o crepe e o chocolate quente na rua, alguns elementos me tocavam, mesmo que pouco soubesse dizer sobre eles. Estava tocado, enredado. Parece que nada faltava para o índice da entrada que

Lacan chama de "implicação subjetiva".⁵ A ideia é que entre estes dois campos, o das coisas que me inclinam a procurar meu analista e o das coisas que ainda não sei, mas que estão em torno de sua pessoa, um sujeito se introduz. Um sujeito suposto, por vir, mas já presente como ponto de interrogação, ou "x" da questão. Estar implicado é a certeza de estar sendo dito por essas coisas.

Sei que precisei contar mais e que só adiante pude afirmar que minha análise tinha começado. Do ponto de vista em que estou hoje, assumo que havia algo mais em jogo que precisou de alguma forma, ser materializado.

Disse como era trazido pela angústia. Meu casamento estava em risco. Pela primeira vez tinha perdido meu futuro. Nada via adiante. Vinha correndo riscos demais. Tinha a consciência de uma ruptura na linha da vida e da impossibilidade de voltar à rota traçada, sem que houvesse outra.

Ele diz que essa crise estava traçada como uma partitura, *Papier à musique*. Ouço "partitura", mas também "papel higiênico". Só muito depois conseguirei fazer alguma coisa com esse papel higiênico. Não me serviu, ali, mas a partitura sim. Ela provavelmente me levou à "parturição", *Sq*, que por ter ficado inconsciente, me levou à lembrança de uma cena muito especial. Foi a que lhe contei (só hoje vejo o quanto, nela, havia um parto):

"Minha mãe me convenceu a assistir à sua cirurgia. Uma histerectomia, pois havia a possibilidade de um tumor maligno de ovário. O tumor é extraído e levado, juntamente com o útero, pelo patologista para exame e, descartada a malignidade ele, sem saber que estava diante do filho da paciente, descreve e comenta, como para um residente, o útero que tem em mãos: Coloração compatível com a faixa etária, presença de microinfartos benignos, provavelmente cesariado, aqui está a cicatriz da cesariana, veja... mas não havia mais ninguém para olhar, porque eu, que jamais havia passado mal na medicina, já tinha desmaiado ao olhar o furo por onde tinha vindo à luz".⁶

O decisivo foi como o analista associou àquela cicatriz um detalhe insignificante, mas que me remetia ao sorriso de uma colega que havia despertado meu interesse. Ela tinha também uma pequena cicatriz que me havia perturbado. A equação estava feita. Entre uma cicatriz e outra, havia agora o útero.

A cicatriz no útero aparecia-me como signo do fracasso daquele médico, jovem brilhante que conseguia muito, mas jamais nomear o que era seu gozo original, o ponto de onde viera. Ela desenhava um vazio cheio de angústia. No entanto, a partir da interpretação do analista, esse vazio se tornara habitado, por meu desejo de morte. Não podia mais ignorar que era a morte que me dava prazer. Não apenas o de colocar o corpo em risco, isso já conhecia, mas de colocar meu prazer na destruição. Eu queria a morte, buscava-a como modo de me libertar do projeto de vida previsto por uma mãe muito próxima, que havia depositado esperanças

demais em mim. Podia ir longe, mas só poderia escapar correndo o risco de tudo pôr abaixo.

O tratamento se inicia, segundo Freud, verdadeiramente, apenas quando se constitui uma "neurose artificial".⁷ É preciso adoecer de uma doença diferente para se tratar. A minha foi a de ser um apaixonado pela morte. E o analista foi, nesse momento, erigido como um cirurgião, que com seu bisturi separaria aquela parte podre, mortífera, do tecido são. Dessa forma, uma vez o incluído nas minhas "séries psíquicas", na fantasia, estava constituído o "sintoma analítico".⁸

O que eu não sabia é que não bastava o sujeito apaixonado pela morte para que os dados tivessem sido lançados. Algo mais havia se delineado no mesmo movimento. Não era apenas o vazio do útero, mas ele próprio como objeto que estava no centro da cena e a mim mesmo como objeto do Outro. Essa boca aberta não apenas era a boca da morte a ser beijada. Era também minha própria boca mordendo vida. O útero não apenas assinalava o ponto cego, umbigo do sentido, ele dava corpo a outra coisa, outro "mim mesmo". E foi reconstituir o que esse objeto dizia de mim - que de meu lugar de sujeito, sempre para o alto e para frente, havia deixado de fora - o que me permitiu a análise. Não era o umbigo, mas esse corpo-resto, esse irmão-placenta que eu deveria aos poucos recuperar. O analista não era cirurgião, mas parteira.

E o parto foi o da progressiva revelação de alguns restos de lembrança decisivos. Eles foram me reconstituindo oculto sob a fantasia da mãe, imprevisto, menino meio abandonado à própria sorte, no jardim das delícias no estilo de Bosch, entre céu e inferno, na clínica psiquiátrica em que fora criado, cuja família era proprietária e a mãe administradora.⁹

Meio lerdo, dandi, da elegância desajeitada de quem sabe que nunca será um grande homem, mas que, por isso, será sempre jovem, nas pequenas solidões que fazem a vida. Eternamente submisso, mas que em vez de perseguir grandes utopias rebeldes, morde com prazer os pedaços de vida que lhe caíam na mão. Minha entrada em análise foi, enfim, ter, na boca da análise, me encontrado com a boca na botija, pois tinha sido necessário morder o vazio enigmático do desejo do Outro, nem vida, nem morte, para dele tirar tanto uma como outra.

Muito mais tarde, seria possível abrir essa boca a um destino diferente e poder, mordendo a mordidavida, ouvir-se viver. Mas essa é outra história.

Marcus André Vieira

mav@litura.com.br

www.litura.com.br

¹ FREUD, S. *Sobre o início do tratamento* (1913). In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.XII.

² Lacan, J. *O seminário livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (1953-1954), Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986, p. 353.

³ Cazusa, "Vem Comigo", *Barão Vermelho* 2, 1983.

⁴ Lacan, J. "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola", *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, pp. 248-264.

⁵ Lacan, J. "A coisa freudiana" *Escritos*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1966, p. 417.

⁶ Vieira, M. A. "Mordidavida", *Opção lacaniana*, 65, São Paulo, EBP, 2013.

⁷ Freud, S. (1916[1917]). "Conferências Introdutórias sobre psicanálise". Em: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. XVI p 455. E também: Freud, S. "Observações sobre o amor transferencial" (1915[1914]). *Ibid.* Vol. XII. p. 171.

⁸ Lacan, J. (1954-1955). *O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 61).

⁹ Freud, S. "Recordar, repetir, elaborar" (1914). *Ibid.* Vol.XII, p.170 e Freud, S. (1912). "A Dinâmica da Transferência". *Ibid.* Vol. XII, p. 112. Agradeço a referência à Bosch a Sergio Laia.

18

O INÍCIO DE UMA ANÁLISE O FIM E O MEIO

ISSN 1415-6830

CONSELHO EDITORIAL
Glória Maron
Romildo do Rêgo Barros
Angela Negreiros
Eliana Bentes
Cristina Duba
Maria Ângela Máximo Maia

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO
Marta Inês Lamy
Adriano Aguiar
Isabel Collier do Rêgo Barros
Rodrigo Lyra
Ana Tereza Groisman
Cristina Bezerril

O conteúdo dos artigos é
de exclusiva responsabilidade
dos autores

www.latusa.com.br

EDITOR
Ana Lucia Lutterbach Holck

SECRETÁRIA DE EDIÇÃO
Cristina Duba

REVISÃO
Luciana Lobato

VERSÃO FINAL
Vera Avellar Ribeiro

CAPA
Paula Delcave

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA
Contra Capa

INDEXAÇÃO
Lilacs/Bireme

Latusa

v. 1, n. 1 (nov 1997) – Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise
Seção Rio, nº 18, agosto de 2013.

Anual

ISSN: 1415-6830

Psicanálise – Periódicos 2, Clínica

I: Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro

CDU: CDU: 150 (815.3)
CDD: CDD: 150.095

Latusa

Todos os direitos reservados a:
Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro
Rua Capistrano de Abreu, 14 – Botafogo
CEP 22271-000 – Rio de Janeiro – Brasil
Tel / Fax (55 21) 2539.0960
<ebprio@ebprio.com.br>

- 71 A morte no encaixo
NATHALIE GEORGES-LAMBRICHS
- 77 O estranho caso da mulher sem nariz
FULVIO SORGE
- 85 Um estudo de caso em torno do
diagnóstico diferencial e do
início de análise na toxicomania
ADRIANA LIPIANI
CLÁUDIA HENSCHER DE LIMA
- 93 Um amor disfarçado de ódio
ANA MARTHA WILSON MAIA
- 97 Grupos de recepção: uma porta de entrada
para a experiência de análise?
DEBORAH UHR
NURIA MALAJOVICH MUÑOZ

PASSE

- 107 Na boca
MARCUS ANDRÉ VIEIRA
- 113 Início del análisis
ANTONI VICENS

ENTREVISTA

- 119 Não desperteis o amor
(Maria Bethânia entre vista)
LUCIA CASTELLO BRANCO